



## Um sambinha antes de virar a esquina

**FLÁVIA BERNARDI**

O evento realizado<sup>1</sup> trouxe as chaves para pensamentos diversos. Enquanto falavam sobre encontros e desencontros, a plateia, atenta, certamente lembrava de capítulos vividos (afinal, difícil alguém não ter algo que venha à tona nessas horas!). As expressões faciais eram diversas, emanando segredos, planos, divagações, e, quando Vinícius de Moraes ecoou na sala, com a arte do encontro musicada, deu impressão que os corações entraram no mesmo compasso: batendo afinados com o samba que benzia!

Os comentaristas da noite<sup>2</sup>, gentis por natureza, não abordaram as desilusões dos desencontros, esse tema que, de tão universal, pega todos pelo calcanhar (e congela as mãos!). Nascemos e já nos desencontramos do modo visceral que vivíamos no início: a mãe, nosso maior encontro, também é o maior dos desencontros! Eles não abordaram os juramentos não cumpridos ou a dor que dá quando um sonho, desfeito, deixa tantos cacos pelo chão que, mesmo nos debruçando para recolhê-los, parecem nunca ter fim: vazios reeditados, eternos cacos de sonhos despedaçados, sempre voltam a se espalhar, doendo tudo de novo!

Quem vive, quem se arrisca a viver, acaba andando por ruelas, dobrando esquinas e esquinas, brincando nesse eterno esconde-esconde que, também, é a vida. Porque as esquinas são antecessoras do encontro, quase

uma surpresa, a alguns passos antes delas fica justamente a possibilidade de a imaginação seguir reinando: 'O que vou encontrar ali?'. Depois a realidade irá se impor.

O escritor Julio Cortázar, numa entrevista ao jornalista Ernesto González Bermejo (que se transformou em livro: *Conversas com Cortázar*), fala da vez que tentou desviar de um encontro com uma mulher especial, e acabaram se encontrando mesmo assim, numa esquina improvável e de forma inusitada. Na antevéspera de partir para uma longa viagem, ele queria adiar seu encontro com ela, pois não desejava que este "fosse um tipo rendez-vous", que fosse breve, finito... Queria que fosse especial e duradouro, então, preferia adiá-lo a torná-lo banal. Porém, apesar das suas manobras, o encontro acontece... quase que magicamente! A história é linda, e ele conta questionando o acaso, como se dissesse que de alguns encontros não se tem como fugir (ok, caro Cortázar, quer dizer então que o universo conspira e não é possível evitar quando algo TEM que acontecer?). Não está escrito no livro – assim como não se fica sabendo o que acontece depois desse encontro numa das milhares esquinas de Paris –, mas dá pra imaginar certinho ele dizendo: "Você me encanta. Parece alma gêmea. Não quero perder esse encontro, e o formato construído está tão pleno que o ideal é justamente cultivá-lo assim, creio".

Prefiro pensar que certas distâncias são justamente a garantia do encontro. E que dentro de nós estão as chaves todas (assim mesmo, no plural!): porque não existe uma única chave, nem uma única esquina, nem só uma chance... Único mesmo, talvez, tenha que ser o desejo de poder ter encontros felizes!

1 Atividade Ponto e Vírgula, realizada em Caxias do Sul, promovida pelo CEP Serra, em setembro de 2019, intitulada: "A vida é a arte do encontro: embora haja tanto desencontro pela vida".

2 A colega ceiana Denise Casara e o escritor e jornalista Marcos Kirst.

## Pensar, vamos?

RODRIGO DE LEÃO ANTUNES

Vi uma charge de Huggleikur Dagsson, publicada na *Revista Piauí* (edição 163), brincando com “as personalidades pandêmicas”. Nela o artista traz o “mestre zen”, que se pergunta onde enfiará o pé na jaca até isso tudo passar; o “panicado”, que alerta todos para fecharem as fronteiras e fugirem para as montanhas; e, por último, o “vilão enrustido”, que se conforma com o número de mortes refletindo sobre a excessiva população mundial. Apesar de duvidar que o artista tenha contemplado todas as personalidades pandêmicas, me vi ali representado. Não em uma, mas oscilando entre as três. Dependendo da mídia e do discurso, oscilo em meu próprio, numa tentativa de proteger-me da violência da realidade e virtualidade dessa experiência turbulenta que atingiu literalmente todo o mundo.

Essa mobilidade mental parece antídoto contra o isolamento e enclausuramento dos corpos. No entanto, não parece haver mente capaz de absorver tudo aquilo que nos é ofertado. A Internet sempre nos ofereceu um mundo de possibilidades, mas compartilhava

atenção com tudo aquilo que encontramos ao sair de casa. Impedidos, ela virou protagonista e agora trabalhamos e amamos via Internet. Mas há mudanças, o ambiente amplamente narcísico das redes sociais se tornou altruísta, ou pelo menos solidário. Harvard oferece cursos gratuitos, plataformas de *streaming* abrem seus catálogos, e-books de graça, centenas de pessoas ensinando exercícios físicos caseiros, etc. Note-se: até analistas estão oferecendo suas escutas sem os famosos honorários. Ninguém quer ficar de fora dessa rede de solidariedade e de computadores. São tantas ofertas que você não pode apenas adaptar sua vida ao isolamento, você precisa fazer mais. Escreva, emagreça, arrume a casa, se analise!

Isso é conhecido também como FoMO – *Fear of Missing Out*. Trata-se dessa angústia em dar conta de tudo que está sendo oferecido, mas também de oferecer tudo que se pode, criando no outro esse sentimento de que ficou para trás. Afinal, o mundo parou ou está mais rápido do que nunca? É preciso pensar de diferentes vértices e oscilar em nós mesmos – com quem fomos forçados a conviver mais. Ir pensar. FoMOs?



Ilustração de Kenzo Hamazaki